

## TRANSTORNOS MENTAIS RETRATADOS NA LITERATURA: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM A PARTIR DO DIÁRIO DE LEITURA

Carla Gonzaga Ramos <sup>1</sup>  
Girleene Marques Formiga <sup>2</sup>

### RESUMO

Reconhecer o caráter singular e individual da leitura literária encontra-se no cerne das discussões contemporâneas sobre o ensino de literatura. Nessa perspectiva da leitura subjetiva, este artigo tem como finalidade apresentar possibilidade de mediação da leitura do romance *Até o dia em que o cão morreu*, de Daniel Galera (2007), obra que representa uma urgente necessidade de suscitar reflexões e trazer à luz sujeitos historicamente excluídos, além de possibilitar a desconstrução de percepções preconceituosas acerca de transtornos psíquicos. Partindo de uma abordagem descritivo-qualitativa e dos pressupostos teóricos da leitura subjetiva, especialmente da concepção propalada por Rouxel (2012), além da proposição das práticas dos diários de leitura, ferramenta teorizada por Machado (2005), desenvolvemos uma proposta metodológica do romance por meio do diário de leitura, instrumento que permite ao leitor adentrar a temática sensível e ainda considerada tabu no meio social. Os resultados apontam contribuições que subsidiam a prática de leitura literária em sala de aula capaz de promover tanto a valorização da subjetividade leitora como a visibilidade de pessoas com problemas de saúde mental – especialmente relacionados à ansiedade e à depressão –, configuradas como grupos marginalizados em decorrência do estigma que essas doenças carregam socialmente.

**Palavras-chave:** Ensino de Literatura, Leitura subjetiva, Diário de leitura, Saúde mental.

### INTRODUÇÃO

Apesar de ganhar maior abertura para debate público, a temática de saúde mental ainda é desafiadora, isso porque os transtornos mentais ainda são encarados como um tabu no contexto contemporâneo, mesmo após a pandemia da Covid-19 escancarar para o mundo a

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras - Língua Portuguesa do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), [carla.ramos@academico.ifpb.edu.br](mailto:carla.ramos@academico.ifpb.edu.br);

<sup>2</sup> Professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), com atuação na Licenciatura em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. [gformiga@uol.com.br](mailto:gformiga@uol.com.br);

problemática dos transtornos mentais. Imersos em um contexto neoliberal - que exige um desempenho de alta performance e desconsidera as imensas desigualdades de acesso a sistemas de saúde, educação e outros marcadores de qualidade de vida - é praticamente impossível não lidar com alguém que tenha algum tipo de doença mental. É isso que aponta a maior pesquisa sobre saúde mental do século XXI realizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Os dados dessa pesquisa da OMS, publicados no documento intitulado *World mental health report: Transforming mental health for all*<sup>3</sup>, concluíram que, no ano de 2019, praticamente um bilhão de pessoas do mundo tinham algum tipo de transtorno mental e que deles 14% eram adolescentes; além disso, no primeiro ano da pandemia, os casos de ansiedade e depressão aumentaram em 25%<sup>4</sup>.

Embora os dados apresentem um panorama crítico, conforme já mencionado, tratar desse tema sensível ainda é laborioso e é justamente por esta razão que a escola é um espaço privilegiado para que se abra uma discussão sobre o tema: tanto pelo fato de os jovens passarem grande parte do tempo nas escolas, quanto para preparar os sujeitos para um olhar mais crítico para as problemáticas sociais que se apresentam.

Destarte, o objetivo central deste trabalho é apresentar uma proposta metodológica para trabalho para turmas do Ensino Médio com o romance *Até o dia em que o cão morreu*, de Daniel Galera (2007), que foi escolhido por trazer representações de transtornos mentais em seu escopo, além da possibilidade de ser trabalhado em sala de aula de forma integral devido à extensão. Logo, a seleção da obra deu-se, fundamentalmente, pelos aspectos estéticos que atravessam o texto literário, de modo acentuado, devido à linguagem e ao tema.

Além disso, partimos de uma abordagem qualitativa, através de uma pesquisa bibliográfica, e dos pressupostos teóricos da leitura subjetiva, especialmente da concepção propalada por Rouxel (2012), além da proposição das práticas dos diários de leitura, ferramenta teorizada por Machado (2005), ferramenta que permite ao leitor adentrar a temática sensível e ainda considerada tabu no meio social.

Esta pesquisa apresenta, portanto, uma possibilidade de trabalho com o tema transtornos mentais através de caminhos metodológicos que garantem que aluno-leitor ganhe também voz e a criticidade necessária para enxergar sujeitos marginalizados e debata assuntos de relevância social e histórica, tendo como horizonte o fato de que os espaços escolares têm

---

<sup>3</sup> Pesquisa disponível em:

<https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/356119/9789240049338-eng.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 de dez. 2023.

<sup>4</sup> Para maior aprofundamento nos dados, acessar a notícia no hiperlink disponível em:

<https://www.who.int/news/item/02-03-2022-covid-19-pandemic-triggers-25-increase-in-prevalence-of-anxiety-and-depression-worldwide>.

indiscutível relevância nessa formação crítica dos leitores. Os diários de leitura apresentam, portanto, uma ampliação didática da transposição da literatura no contexto escolar, apontando para múltiplas possibilidades de caminhos de trabalho com a literatura em sala de aula, além de aguçar o olhar do aluno para a sensibilização que a literatura proporciona.

## UM BREVE PASSEIO PELA VIDA E OBRA DE DANIEL GALERA

Daniel Galera é um escritor nascido em São Paulo, em 1979, e criado em Porto Alegre; Galera além de ficcionista, é também autor de obras ensaísticas, reportagens e também é tradutor. O autor começou a ganhar destaque nacional quando recebeu os prêmios São Paulo de Literatura 2013 e o 3º lugar no Prêmio Jabuti 2013, na categoria Romance, com o livro *Barba ensopada de sangue*. Além desse, Daniel Galera também publicou os romances *Mãos de cavalo* (2006), *Cordilheira* (2008) e *Meia-noite e vinte* (2016); a coletânea de contos *Dentes guardados* (2001) e a HQ *Cachalote* (2010).

A obra de Galera, *Até o dia em que o cão morreu*, conta a história de um homem de cerca de 25 anos que mora sozinho em Porto Alegre até que conhece uma modelo chamada Marcela e adota um cachorro, eventos que mudam substancialmente a vida. Dotado de um estilo minimalista que expõe a rotina monótona de uma pessoa completamente desesperançosa em relação à vida e às pessoas em seu entorno a partir de uma série de eventos descritos numa velocidade lenta que possibilita uma experiência imersiva ao leitor. *Até o dia em que o cão morreu* apresenta a ótica de uma pessoa que tem transtornos mentais sem maiores alardes e com uma linguagem construída prosaicamente, mas que no eixo temático pode despertar uma grande sensibilização ao tema.

A narrativa em primeira pessoa e a descrição dos espaços caóticos dentro da cabeça do protagonista, através da técnica do fluxo de consciência, apresentam ao leitor múltiplas experiências sensoriais que descortinam a agonia da ansiedade e depressão representadas na obra literária (GALERA, 2007, p. 8):

Grito por socorro, mas estou certo de que ninguém escuta. Tenho plena consciência de que estou e permanecerei sozinho. Enquanto o calombo cresce nas minhas costelas, como se o corpo tentasse expulsar um feto maligno, penso que é uma péssima idéia morar num apartamento tão alto, sem telefone, sem conhecer vizinhos. Tento gritar o nome de amigos, minha família, mas os gritos já não saem, e me dou conta de que faz tempo demais que não falo com nenhum deles, ou simplesmente não tenho intimidade suficiente, não me sinto no direito de pedir ajuda a ninguém que me lembro de conhecer. A dor aumenta, tenho receio de desmaiar, ou morrer, e aquele calombo vai crescendo até se tornar uma extensão do meu corpo, a pele esticada, a carne se mexendo por dentro [grafia idêntica a do autor]

Conforme trecho destacado, pode-se capturar o sentimento de desamparo vivenciado e a extrema catatonia gerada pela solidão e desconexão com família e pessoas próximas. O narrador, ao longo da narrativa, também apresenta falta de interesse por atividades laborais ou socialização, a ponto de sentir-se deslocado do mundo e com absoluta resignação de sua condição e de suas escolhas. O fluxo de consciência permite também a leitura do livro como se o leitor estivesse olhando a narrativa se passar através do buraco de uma fechadura, posto que a narrativa ganha um tom confessional, tornando-a ainda mais atrativa para leitores do ensino médio.

O fio condutor dos eventos é o encontro com o cão, chamado Churras, com o qual o narrador-protagonista cria um laço especial e o leva a desbravar outros caminhos que permitem que a absoluta letargia inicial seja quebrada:

Com o tempo, ele cresceu e se tornou um animal forte, magro mas marcado de músculos salientes, e com o pêlo regular e brilhante. O problema eram as portas corta-fogo que existiam no meio do caminho. Se eu abrisse as portas, o cachorro ia subindo em disparada, compenetrado e ofegante, e chegava lá em cima todo orgulhoso. [...] Eu queria bolar uma maneira de o cachorro entrar no prédio e chegar sozinho até o meu apartamento, e esse problema foi a minha principal preocupação durante certo período. (GALERA, 2007, p.20)

O narrador, sem nome e com uma identidade fragmentária, demonstra uma dificuldade quase que intransponível de se locomover dos espaços em que se coloca. É a metáfora de olhar pela janela e ver a vida passar que se apresenta claramente, como pode ser percebido em “Me dava agonia ver alguém se preparando constantemente pra começar a viver. Eu não conseguia fazer isso. Parecia bem mais adequado permanecer exatamente onde eu estava, aceitando que minha vida era aquilo mesmo.” (GALERA, 2007, p. 24). Já Marcela, com quem estabelecia uma relação mais próxima, o protagonista encarava apenas como um objeto sexual e alguém que apenas era “tolerada” e mesmo após estreitamento da relação, Marcela ainda é descrita como uma “ilusão confortadora”, é a monotonia agonizante da melancolia que é transfigurada na voz narrativa durante o breve espaço de tempo que compõe a obra.

A letargia é presente em quase todo enredo da narrativa, que tem duração curta de apenas algumas semanas “[...] Permanecia uma hora inteira mergulhado dentro da banheira, escutando música, até a água ficar fria. E especialmente ali, dentro d’água, eu me sentia cansado. Velho, em certo sentido. No sentido de que era tarde demais pra morrer jovem.” (GALERA, 2007, p. 90), até que Marcela adocece e some por um tempo, ressurgindo apenas no final com um telefonema convidando o suposto namorado para morar em outro lugar,

deixando o desfecho em aberto. *Até o dia em que o cão morreu* apresenta um protagonista dotado de uma identidade borrada e sufocado pela cinzenta realidade, completamente desiludido com as circunstâncias de seu tedioso cotidiano.

## **ATÉ O DIA EM QUE O CÃO MORREU: PRÁTICA DE LEITURA SOB VIÉS DOS DIÁRIOS DE LEITURA**

Apresentaremos, nesta seção, a proposta metodológica para trabalho com a obra selecionada de Daniel Galera com enfoque na construção de diários de leitura, instrumento que oferece um percurso para formação de leitora e dá subsídios ao professor para elucidação das especificidades que atravessam o processo de leitura, inclusive para que o docente conheça melhor seus alunos e construa práticas leitoras mais sólidas e condizentes com o contexto no qual os alunos estão inseridos.

Ademais, os diários de leitura abrem a possibilidade de maior engajamento do leitor com a obra literária, posto que esse instrumento descortina as impressões subjetivas do leitor, autorizando um ponto de contato mais pessoal com o texto, além de fazer com que a atividade de leitura viabilize a captação das impressões e das motivações do estudante e, portanto, o diário de leitura se corporifica como uma ferramenta dialógica entre texto e leitor,

Nesse sentido, Todorov (2009) aborda, criticamente, a função da literatura enquanto uma arma que nos ajuda a viver pelo fato de descortinar mundos e nos colocar em contato com experiências nada óbvias, fato que possibilita o exercício de apreensão e compreensão do nosso universo, além de abrir o leque de perspectivas interacionais com o outro, nos tornando mais sensíveis enquanto seres humanos. Corrobora com essa perspectiva, também os postulados de Antonio Candido (1995), quando nos apresenta uma acepção mais voltada à literatura muito além de um tipo de arte dotada de poder de fruição, mas que tem o poder de humanizar através do seu elementar caráter de denominar o mundo interno e externo com a fabulação.

É exatamente sob este entendimento que Rouxel (2012) propõe trazer para o cerne do processo de formação de leitores a habilitação da subjetividade do leitor, já que a experimentação da leitura engloba, necessariamente, o ser em ampla acepção, não podendo se encarar a leitura apenas como mera atividade cognitiva, mas que está localizada na experiência do sujeito, posto que são os leitores que completam o texto e lhe imprimem uma marca singular. Essa apropriação de sentido do texto literário pelo leitor deve-se ao fato de uma incompletude constitucional própria do texto, que resulta na mesclagem entre o texto do

autor e do leitor, “É pelo vínculo estabelecido entre o universo da obra e o universo do leitor que o ato de ler ganha sentido e se inscreve na vida do sujeito.” (ROUXEL, 2012, p. 281).

Ainda seguindo a linha de abordagem teórica da estudiosa, podemos analisar as perspectivas didáticas para um maior investimento da subjetividade no processo de inserção das obras literárias no contexto escolar, de modo que haja espaço para que seja dada vazão à subjetividade do leitor frente ao texto literário:

É possível modificar a relação com o texto construído por meio da leitura escolar desenvolvendo uma “didática da implicação” do sujeito leitor na obra. Para isso, convém incentivar a expressão do julgamento estético, convidando o aluno a se exprimir sobre seu prazer ou desprazer em relação à leitura, evitando censurar os eventuais traços, em seu discurso, de um investimento por demais pessoal, imaginário e fantasmático. Não se trata, portanto, de renunciar ao estudo da obra em sua dimensão formal e objetivável, mas de acolher os afetos dos alunos e de incentivá-los na descoberta de dilemas pessoais na leitura. (ROUXEL, 2012, p. 281)

O que Rouxel enfatiza nessa abordagem subjetiva é justamente a união da experiência estética (o encorajamento para a sensibilização do leitor frente à obra literária na escola) com a dimensão ética (o professor precisa contemplar os aspectos sociais a partir da implicação do sujeito frente às proposições ficcionais que se apresentam para os leitores em formação). Outrossim, o uso dos diários de leitura em sala de aula, que estão circunscritos na leitura subjetiva, abre espaço também para a remodelação dos papéis desempenhados por professores e alunos, segundo as concepções de Machado (2005), considerando que o ato de ler não é solitário, mas percebido como prática social, sendo o leitor atravessado constantemente pela bagagem prévia de experiências leitoras e conhecimentos de mundo, o que faz com que conexões sejam estabelecidas, sendo que o papel do professor é também o de facilitar e orientar essas pontes, explorando o potencial que os alunos precisam desenvolver.

Postas estas considerações, alguns objetivos com aplicação prática da proposta metodológica de leitura do romance *Até o dia em que o cão morreu*, através dos diários de leitura, são: desenvolver uma prática de ensino e leitura do texto literário inovadora e que fuja dos padrões tradicionais da leitura por “obrigatoriedade”; possibilitar que os alunos identifiquem e explorem as ideias que perpassam o romance de forma apurada, capturando as representações que a obra descortina a partir de suas temáticas com a finalidade de assimilar e analisar criticamente a realidade que nos cerca; permitir o estudo dos traços estilísticos utilizados pela autora, reconhecendo o modo de produção da obra literária e o impacto gerado por meio desse gênero, ou seja, contemplar e refletir sobre as particularidades do uso da linguagem na criação da obra literária; e, finalmente, buscar a formação de leitores ativos, de

modo que se estabeleçam outras conexões temáticas e/ou estruturais entre a obra lida com outros gêneros – que podem ser literários ou não – a fim de vislumbrar formas alternativas de tratamento e manejo sobre a temática exposta.

A proposição metodológica foi construída para ser aplicada em turmas do Ensino Médio, considerando que os alunos precisam ser habilitados para uma maior maturação dentro do processo de formação leitora, aprofundando competências iniciadas no Ensino Fundamental. Deste modo, o percurso proposto foi subdividido em cinco aulas, que podem ser realizadas em formato de oficinas, podendo o número de aulas ser variável.

### *Aula/oficina 1*

A primeira aula será utilizada para apresentação aos alunos da proposta de leitura do romance *Até o dia em que o cão morreu*, deixando claros quais são os objetivos da produção dos Diários de Leitura, que são essencialmente: estabelecer diálogos com o autor da obra e desenvolver a reflexão crítica dos alunos; nesse primeiro momento, é importante que o professor explique para a turma que os diários não podem ser considerados gêneros “acabados”, mas são dotados da possibilidade de aprimoramento e que devem refletir as reais concepções do leitor, bem como trazer originalidade e liberdade para quem o produz.

Logo, poderá ser aberto pelo professor a explanação sobre o enredo do livro para que os alunos sintam-se mais atraídos para realização da leitura e da prática de escrita dos diários, iniciando a abordagem pela contextualização da temática atinente aos transtornos mentais na contemporaneidade

### *Aula/oficina 2 e 3*

Dando continuidade e partindo da concepção de que o texto literário deve ser abordado de forma integral na escola, será proposta a leitura do livro, que poderá ser disponibilizado de modo preferencialmente no formato físico para que os alunos possam manuseá-lo e registrar as impressões/anotações desde a primeira leitura. Para a realização desta etapa, serão reservadas duas aulas ou oficinas para a leitura do livro, podendo ser dada a possibilidade de que os alunos terminem ou releiam o livro em casa. De todo modo, é pertinente que a leitura seja feita de forma silenciosa e individual, já que cada leitura é tomada como única e particular, além do fato de que esta proposta contempla momentos específicos para discussão dos diários produzidos.

As instruções que devem ser repassadas aos alunos antes do início da leitura propriamente dita é de que seja dada atenção aos pontos de identificação com a obra, registro

de representações imagéticas ou não do texto, reprodução de trechos do livro, estabelecimento de diálogo direto com a voz narrativa, anotação de outras manifestações artísticas rememoradas com a leitura do livro (como músicas, filmes e séries, pinturas, peças de teatro), enfim, tudo que mobilize a sensibilização do leitor deve ser estimulado e registrado pelos alunos na construção de seus diários de leitura.

A voz do aluno precisa ser despertada, como diz Machado (2005), no momento em que se produz e se discute os diários de modo que o exercício da cidadania seja efetivado pela escola, posto que esses instrumentos geram autonomia para que a criticidade ganhe uma proporção privilegiada, já que ainda segundo a mesma autora (p. 65) os diários de leitura são facilitadores do “diálogo entre leitor e autor, mas também favorece o despertar do aluno para o dialogismo existente entre diferentes discursos verbais e não verbais que nos constituem, rompendo barreiras estanques entre diferentes domínios de conhecimento.”

#### *Aula/oficina 4 e 5*

É chegado o momento de orientação de reescrita dos diários e aqui também são reservados dois momentos para que dê tempo de o professor orientar adequadamente a turma para a releitura atenta dos diários produzidos, a reescritura, a discussão e a publicação dos diários, conforme escolha de cada aluno. O professor pode utilizar-se da dinâmica de dividir a turma em grupos para orientação e ir se movimentando para realizar as pontuações devidas. Mas dependendo do nível da turma, os alunos podem também trocar os diários entre si para que realizem discussões entre os pares.

Seja qual for a estratégia escolhida, o professor deve orientar que os alunos primeiramente releiam o que foi escrito nos seus próprios diários, selecionando os trechos que desejam comentar com a turma, o que também garante a privacidade dos alunos mais introvertidos e sua intimidade, já que se trata de um diário. O professor também pode abrir a possibilidade de reescrita dos diários para publicação em páginas das redes sociais da turma/escola para divulgação do trabalho para toda a comunidade acadêmica.

Dando continuidade, após a releitura, o professor deve abrir as discussões coletivas acerca do romance lido, de modo que sejam provocadas a expressão de diferentes correlações estabelecidas como os objetivos da prática de leitura, bem como realizar a mediação de tais discussões para que os alunos estabeleçam correlações entre o texto e vivências/concepções pessoais evocadas no momento da leitura e registradas em seus diários, sem deixar em segundo plano o texto literário, que deve ser contemplado em seus diversos aspectos estéticos e temáticos.

É nesse momento que o professor assume um papel extremamente importante nessa dialogicidade entre diário e autor, entre professor e aluno e entre as percepções dos alunos. Conforme aponta Machado (2005, p. 10), essa função desempenhada pelo professor - que também passa a ser um leitor - “implica ainda que o professor não se mantenha no papel de avaliador único e irredutível dos diários, daquele que detém a ‘boa’ interpretação, na forma tradicional de avaliação, em que se constitui como o único juiz”. É pela mesma razão que os diários não precisam de ter notas atribuídas, já que isso faria com que os artefatos produzidos perdessem sua principal característica, que é a subjetividade; uma alternativa de atividade avaliativa pode ser a produção de resenha crítica do romance lido, já que trata-se de um gênero dotado de estrutura relativamente fixa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da desafiadora necessidade de construir leitores críticos e uma formação cidadã na escola, os diários de leitura mostram-se como verdadeiros artefatos na leitura do texto literário. O trabalho com o romance *Até o dia em que o cão morreu*, de Daniel Galera, com o público-alvo sugerido demonstra apenas uma das inesgotáveis possibilidades de abordagem com a representação dos transtornos mentais na literatura, tema urgente e relevante, dado o ainda tão presente estigma social que as essas doenças carregam na contemporaneidade.

A escola se apresenta como espaço privilegiado para que não somente sejam debatido as problemáticas em torno do crescente índice de adoecimento psíquico, suas causas, atravessamentos de ordem cultural, simbólica, histórica e social; mas como um lugar onde essas leituras subjetivas sejam estimuladas, de modo priorizado, tal como pontua Rouxel (2012), considerando que a recepção dos alunos frente às obras literárias são moduladoras dos sentidos imbuídos nas próprias obras.

Esse papel ativo do leitor, tão preconizado por Machado (2005), é exercido de modo que contemple todas as faces possíveis pelos alunos, que são incentivados ao exercício da autonomia a ponto de viabilizar que as próprias angústias ou dúvidas em relação à obra literária sejam dirimidas no processo de escrita dos diários de leitura. Nada que o leitor-aluno escreve em seus diários pode ser considerado inferior, já que o posicionamento acerca do texto literário assume um caráter extremamente relevante para apreensão do texto, já que todos são livres para construir suas avaliações subjetivas sobre a obra.

Todos esses aspectos da leitura subjetiva através da construção de diários de leituras viabilizam a formação de leitores críticos e ativos, entretanto todas as aulas/oficinas em que a

obra seja trabalhada precisam passar pelas etapas básicas elencadas. Ou seja, é indispensável que a contextualização e orientações de escrita dos diários sejam apresentadas na primeira aula, assim como a leitura integral da obra em sala de aula e a modulação do debate/reescritura dos diários.

Ademais, salientamos que a proposta metodológica apresenta pode e deve ser adaptada conforme necessidade do professor e da turma na qual a obra será trabalhada, e que outras ferramentas sejam inseridas nesse processo de leitura subjetiva, para que a pluralidade das dinâmicas na sala de aula atendam a todos e para que a postura dialógica do professor seja contemple as leituras subjetivas da obra literária, que assim como qualquer tipo de arte, precisa ter aparato metodológico bem estruturado quando transposto para a sala de aula, tal como postula Soares (2006).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho apresenta contribuições que subsidiam a prática de leitura literária em sala de aula capaz de promover tanto a valorização da subjetividade leitora como a visibilidade de pessoas com problemas de saúde mental – especialmente relacionados à ansiedade e à depressão –, configuradas como grupos marginalizados em decorrência do estigma que essas doenças carregam socialmente.

Pelo viés do eixo temático, a obra selecionada, *Até o dia em que o cão morreu*, de autoria de Daniel Galera (2007), as discussões suscitadas com as prática leitora de produção de diários de leitura permitem que a literatura deixe de ser mero objeto de fruição e a função crítica seja ativada através da abertura do debate atenuante aos transtornos mentais. Outrossim, a obra reflete a complexa problemática em torno da saúde mental através do espiral de tessituras do narrador-protagonista através da técnica do fluxo de consciência.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos ao Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba pelo fomento institucional oferecido através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para Projetos de Pesquisa, Inovação, Desenvolvimento Tecnológico e Social voltados para a Educação a Distância.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

GALERA, Daniel. **Até o dia em que o cão morreu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Machado, Ana Rachel. (2005). Diários de leituras: a construção de diferentes diálogos na sala de aula. **Linha D'Água**, (18), 61-80. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37279>. Acesso em: 15 nov. 2013

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?. **Cadernos de pesquisa**, v. 42, p. 272-283, 2012. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/cp/a/vbgD8LhYCcYxjFYf93P4Kwq/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Orgs). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.